



GT 045. Moralidades, afetos e políticas: sobre e das relações de gênero entre indígenas

Patricia Carvalho Rosa (Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá) - Coordenador/a, Elizabeth de Paula Pissolato (Universidade Federal de Juiz de Fora) - Coordenador/a, Diógenes Egidio Cariaga (PPGAS/UFSC) - Debatedor/a, Suzana Cavalheiro de Jesus (Universidade Federal do Pampa) - Debatedor/a, Andréa Carvalho Mendes de Oliveira Castro (Universidade Federal do Paraná) - Debatedor/a

O GT pretende colocar em diálogo pesquisas que refletem sobre os modos indígenas de elaboração e significação de suas noções de identidades de gênero e sexuais diante de suas existências híbridas quando observamos as escalas de mobilidades/trânsitos de referentes morais e éticos que passam a circular e constituir seus cotidianos. Estes referentes plurais têm conectado diferentes pontos de vista entre os coletivos ameríndios; nos modos como as narrativas sobre pessoa, corpo, parentesco não estão distantes de relações que envolvem distintos regimes de alteridade e relações de poder. Sob tais condições sempre plásticas e conjunturais de produzir gradientes relacionais, etnografias recentes conduzem nossos olhares às considerações dos fatores que contribuem para a heterogeneidade de experiências indígenas relativas às problemáticas de gênero que atravessam as estruturas simbólicas e práticas coletivas. Entre estes processos a afiliação religiosa, idade, escolarização, relações com o sistema de saúde, mobilidades e migração, gestão dos territórios, são fatores transversais que intersectam elementos culturais, históricos e políticos que cominam nas cosmopolíticas efeitos conceituais, de tradução, manejo das diferenças e experimentações de vivências diferenciadas. Esperamos reunir pesquisas que reflitam sobre os (re)posicionamentos dos entendimentos indígenas sobre os domínios, relações e agenciamentos masculinos e femininos e como estes vem vivenciando e significando estes processos.

A Agonia do Parentesco: Feitiçaria e Fuga entre os Karitiana

Autoria: Andréa Carvalho Mendes de Oliveira Castro

Os Karitiana são um povo de língua Tupi-Arikém, os únicos falantes, que habita a atual região de Rondônia. Somando cerca de 400 indivíduos, o grupo se encontra, hoje, dividido em cinco aldeias. Atualmente, os casamentos prescritivos e arranjados com a ZD e FZD caminham pari passu com sentimentos e aspirações pessoais de casar com quem se gosta e driblar o que chamam de casar aforçada. Cabe notar que utilizo a flexão de gênero aqui, pois apesar de o casamento arranjado afetar homens e mulheres de maneiras diferentes, o que pretendo explorar neste work é o quinhão que recai sobre as mulheres. Já visando o acordo matrimonial, num grupo no qual a virgindade assume valor absoluto, os namoros são fortemente proibidos. Contudo, eles existem secretamente. No mais das vezes, quando uma moça ou rapaz é prometido, eles já estão apaixonados e/ou envolvidos com alguém. Situação inelutável, resta apenas o sofrimento. A resistência da moça a casar com o prometido é entendida como normal, pois, de acordo com eles, ela acabará se acostumando ao noivo/marido. Por sua vez, a recusa é entendida como disruptiva da sociabilidade e inaceitável; ela terá de casar. Não fazê-lo causará imensa vergonha à sua família por não cumprir o acordo estabelecido por seu pai. Muitas vezes, a moça enfrenta os mal-dizeres, acusações e indisposições das parentas do novo marido, principalmente da sogra, a seu respeito e de sua família. Tais circunstâncias agravam o quadro de insatisfação feminina e aprofundam a tristeza já sentida por casar com quem não se



quer. Nos casos em que o marido adoece ou morre, inevitavelmente virão as acusações de envenenamento pela esposa e suspeitas de feitiçaria, seja por ela ou por seu amado oculto. Para desespero e enfurecimento geral, recentemente, as mulheres mais novas têm adotado como estratégia, a fuga pós-marital. Pelo fato de que muitas das atuais uniões maritais entre pessoas mais jovens estejam infundidas pelos fatores acima expostos, a possibilidade de fuga se tornou uma ameaça generalizada que pende sobre a comunidade. Esse tipo de agência, a fuga, tem sido lida pelos adultos como ?crime grande?, pois que coloca o grupo sob o risco de ?acabar?. Absolutamente indignados com esse comportamento e na tentativa de coibi-lo, em 2016 fui chamada para auxiliá-los na formulação das ?leis dos Karitiana?. Responsabilizando o convívio com os brancos, o ?Estatuto da Criança e do Adolescente? e a possibilidade de acesso ao sistema jurídico nacional, os Karitiana tentam, desesperadamente, recuperar o controle sobre o feminino e com isso combater o que percebem como risco à sua existência.



Boas Vindas

A Associação Brasileira de Antropologia e a Universidade de Brasília dão as boas-vindas aos participantes da 31ª Reunião Brasileira de Antropologia! O encontro será realizado entre 9 e 12 de dezembro deste ano e traz como temática geral “Direitos Humanos e Antropologia em Ação”.

O início da nossa RBA se fará em contexto que precederá não só o novo governo eleito, como a nova Legislatura. Sua realização em Brasília permitirá dar maior visibilidade aos debates e reflexões antropológicas sobre os Direitos Humanos no Brasil.

Teremos atravessado o ano eleitoral que terá adicionado maior tensão ao atual contexto político. Hoje, estamos diante da crise econômica, do aumento das forças conservadoras e do decréscimo substantivo dos recursos financeiros necessários ao desenvolvimento da ciência e tecnologia, em especial das ciências humanas.

A temática desta Reunião visa refletir sobre a atual situação e o futuro dos Direitos Fundamentais inscritos na Constituição de 1988. Estão em risco os direitos ao reconhecimento e à territorialidade de indígenas, quilombolas e povos tradicionais, e aos direitos ambientais.

Da mesma forma, o Congresso Nacional alcunhou o conceito de gênero, de “ideologia de gênero” e retirou do Plano Nacional de Educação 2014/2020 as referências a procedimentos e medidas educacionais que visavam combater a discriminação de gênero. Deixou-se assim a descoberto no Plano educacional, ganhos importantes das movimentações sociais feministas, das movimentações pelos direitos à diversidade sexual, e das movimentações sociais pelo combate ao racismo que, de forma múltipla e/ou compartilhada, estimulavam e consolidaram estudos da interseccionalidade de gênero, sexualidade, raça e classe.

Depois de vários anos, pela terceira vez, (a primeira em 1984, a segunda em 2000), a Reunião será realizada na Universidade de Brasília. De 2000 para cá expandiram-se os programas de pós-graduação, departamentos e unidades que incorporam antropólogos/as em seu corpo docente e que incorporam conhecimentos antropológicos no seu ensino. Em especial, expandiu-se a incorporação de estudantes indígenas e de estudantes negros/as, pardos/as e de estudantes advindos das escolas públicas, nos cursos de graduação e nos de pós-graduação.

Contaremos com o apoio, não somente das áreas onde se congregam tradicionalmente os antropólogos/as, mas também dessas múltiplas áreas de ensino que na UnB se expandiram pela nucleação de estudos que incorporam a Antropologia nas áreas de saúde coletiva, artes visuais, educação e nos estudos que se dedicam aos povos tradicionais e questões ambientais.

Contaremos com o apoio relevante do Departamento de Antropologia e do seu Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) criado o Mestrado em 1972, e, em 1981, o doutorado. O PPGAS se orgulha em manter os níveis mais altos da avaliação da CAPES através da prontidão contínua de seus/suas docentes e discentes.

Teremos o apoio do Instituto de Ciências Sociais (ICS), e de seus/suas docentes e discentes. Congrega os Departamentos de Antropologia (DAN), Sociologia (SOL) e Estudos Latino- Americanos (ELA). O ICS é responsável pelo curso de Ciências Sociais e suas habilitações em Antropologia (Bacharelado), Sociologia (Bacharelado) e



Ciências Sociais (Licenciatura) e pelos Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas.

Teremos também o apoio do Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS), que oferece o curso de Mestrado em Sustentabilidade junto aos Povos e Terras Tradicionais (MESPT); o apoio da área de Saúde Coletiva da Faculdade de Ceilândia (FCE); da Faculdade de Saúde Coletiva (FS); da Faculdade de Educação (FE); do Instituto de Artes (IDA) e o forte apoio da Reitoria e da Administração Superior da UnB.

Brasília é um dos espaços que mais abriga antropólogos e antropólogas que desenvolvem atividades profissionais em órgãos do Estado, em órgãos da Justiça e do Ministério Público e em organizações não governamentais. Esse cenário permitirá sua forte contribuição aos debates e a maior visibilidade da área.

E, por fim, Brasília cada vez mais se apresenta como uma cidade com importância turística, ambiental, qualidade de vida e relevância dos movimentos sociais.

Um grande abraço de Boas Vindas,

Lia Zanotta Machado - Presidenta da ABA
Diretoria da ABA 2017/2018
Comissão Organizadora da 31ª RBA

Realização:



Apoio:



Organização:

